

O BANDEIRANTE NO LIVRO DIDÁTICO: ENTRE DIVERSAS NARRATIVAS (1997-2015)

ANDRESSA DA SILVA GONÇALVES* 
REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA,
ALTAMIRA, PARÁ, BRASIL

MAURO CEZAR COELHO** 
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM,
PARÁ, BRASIL

WILMA DE NAZARÉ BAÍA COELHO*** 
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM,
PARÁ, BRASIL

RESUMO

O objetivo deste texto se constitui em, através da temática bandeirante, analisar quais são os elementos narrativos que constituem a literatura didática. A partir dos conceitos de Representação de Roger Chartier, Memória Histórica de Jacques Le Goff e Discurso de Mikhail Bakhtin analisamos a narrativa bandeirante em seis coleções didáticas avaliadas pelo PNLD. Concluimos que estão presentes no livro diversas narrativas sobre o bandeirante, uma ligada a memória histórica mítica e outra voltada a análise historiográfica atual. Essas duas perspectivas além de diferirem entre si, também se contrapõem na narrativa didática.

Palavras-chave: Livro didático; bandeirante; memória histórica.

ABSTRACT

The objective of this text is to analyze, through the bandeirante theme, which narrative elements constitute the didactic literature. Based on the concepts of Representation by Roger Chartier, Historical Memory by Jacques Le Goff and Discourse by Mikhail Bakhtin we analyze the bandeirante narrative in six didactic collections evaluated by PNLD. We conclude that several narratives about the Bandeirante are present in the book, one linked to a mythical historical memory and the other to a current historiographical analysis. These two perspectives not only differ from each other, but also oppose each other in the didactic narrative.

Keywords: Textbook; bandeirante; historical memory.

* Mestre em história social (UFPA), e Doutoranda em Educação na Amazônia (UFPA). É professora de história da Educação Básica na rede municipal de Altamira-Pa. Email: andressa_g.m@hotmail.com.

** Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará, onde atua na Faculdade de História e no Programa de História Social da Amazônia. Email: mauroccoelho@yahoo.com.br.

*** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Professora da Universidade Federal do Pará. Bolsista de Produtividade 1D CNPq. Email: wilmacoelho@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O livro didático se constitui como uma das ferramentas de ensino mais importantes na educação básica do país, sendo em algumas realidades o único instrumento disponível para alunos e professores¹. Convém também ressaltar, de acordo com Kátia Abud², que o livro didático é o segundo livro mais lido do planeta, superado apenas pela Bíblia Sagrada. Além do mais, segundo reportagem do *site* nova escola, 82% dos alunos da Educação Básica utilizam os livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³. Corroborando a ampla utilização dos livros didáticos, dados disponibilizados no ano de 2020 pela plataforma digital do Programa demonstram que mais de 172 milhões de exemplares de livros didáticos foram distribuídos, atendendo mais de 32 milhões de estudantes da rede pública de ensino⁴.

Por certo, essa disseminação da literatura didática somente torna-se possível graças ao PNLD, que representa a culminação das políticas estatais republicanas voltadas aos materiais didáticos. O Programa criado em 1985, também representou uma inflexão na administração do estado da literatura escolar, visto que a partir de então o governo federal deixaria de ser coautor dos livros didáticos, retendo apenas a função de comprador⁵. Além do mais, em 1996, o PNLD adquire a formatação que possui hoje, com a inserção de uma avaliação dos livros didáticos realizada por especialistas, as obras didáticas passam a ser filtradas, com o objetivo de evitar desvios teóricos e metodológicos e a eventual presença de preconceitos e estereótipos⁶.

Apesar da vigilância sobre os livros didáticos, algumas inconsistências ainda são detectadas nesse material, entre estas, a distância entre o que as coleções dizem que performarão e o que realmente concretizam. Dessa forma, Christian Laville⁷ ao se debruçar sobre a “guerra de narrativas” no ensino de história resalta que “todos os esforços para controlar os conteúdos do ensino da história, bem como os debates que isso provoca, estejam [estão] alicerçados numa ilusão”, vista a enorme diferença entre o que as instâncias normativas propõem e aquilo que se solidifica na prática.

1 SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil. *Educação & Realidade*, v.37, n. 3, p. 803-821, 2012.

2 ABUD, K. A. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, A. M. et al. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2007. p. 107-117.

3 SOARES, Wellington. Livro didático: como usá-lo com equilíbrio. Nova escola. 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1731/livro-didatico-como-usa-lo-com-equilibrio#>. Acesso em: 17 jul. 2021.

4 Dados Estatísticos: PNLD 2020. Disponível em: <https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Acesso em: 17 jul. 2021.

5 HÖFLING, E. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 70, p. 159-170, 2000.

6 MIRANDA, S. R.; DE LUCA, T. R. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 126.

7 LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

Considerando esse aspecto e a grande disseminação do livro didático no país, sendo, inclusive, antes da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o único conformador do currículo nacional⁸, nos propomos a realizar uma discussão sobre as diversas narrativas que a literatura didática abriga. Para isso, delimitamos este texto em torno da temática bandeirante, visto sua diversidade de representações ao longo tempo e seu papel no modelo explicativo da formação do Brasil. Pois, frequentemente, tal personagem encontra-se associado nas narrativas didáticas à expansão territorial do Brasil e ao descobrimento do ouro, e conseqüentemente, possibilitando uma nova atividade econômica, como mostraremos adiante.

Nesse sentido, analisaremos seis coleções didáticas de diferentes períodos, a saber: 1997, 1999, 2013 e 2015. A escolha por esse recorte se justifica pela diferença temporal significativa entre as três primeiras coleções, publicadas ainda no início da implementação do PNLD, e as três últimas, lançadas em um período mais recente. Essa seleção nos permite, para além da diversidade significativa de títulos, analisar a presença de possíveis mudanças ao longo de quase 20 anos de vigência e amadurecimento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A MITOLOGIA BANDEIRANTE

Diversas representações acompanham a figura do bandeirante nos últimos séculos. Nesse ínterim, destacamos duas representações que se sobrepõem nas narrativas didáticas. A primeira concebe o bandeirante como um herói da nação, e em especial de São Paulo, responsável pela expansão territorial brasileira e pela descoberta das riquezas minerais em Minas Gerais⁹. A segunda concepção, que destaca as contradições e vícios do bandeirante, revisita a versão mistificada e descortina os aspectos silenciados, como a violência e escravização dos indígenas praticadas pelos bandeirantes¹⁰. Essa representação desmitifica o herói bandeirante, apontando todas as fragilidades de uma narrativa construída para enaltecer a região vicentina.

Como destaca Ricardo Souza, a mitologia bandeirante emerge na cidade de São Paulo

8 CAIMI, F. E. O livro didático de história e suas imperfeições: repercussões do PNLD após 20 anos. In: ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (orgs.). *Livros Didáticos De História – Entre Políticas e Narrativas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora: 2017. p. 33-54.

9 TAUNAY, Afonso d'Escragnoille. *História Geral das Bandeiras*. Volume I. São Paulo: Tipografia Ideal, 1924.

ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas e o cruzamento euro-americano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Edusp, 1980.

10 MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ABUD, K. A. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições*. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

FERREIRA, A. C. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

WALDMAN, T. C. *Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

FERRETTI, D. J. Z. *A construção da paulistanidade*. Identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). Tese de Doutorado em história social, Departamento de história, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

nas primeiras décadas do século XX, e persiste até a década de 1960. Essa década pode ser considerada um divisor de águas, já que a partir de então as narrativas e representações deixariam de ser predominantemente positivas, para dar lugar a sérias críticas sobre o movimento sertanista. Neste texto, adotamos o conceito de mitologia bandeirante delineado por Ricardo Souza¹¹, que a entende como um “[...] conjunto de narrativas e tradições referentes à imagem do bandeirante enquanto fundador da nacionalidade e enquanto símbolo do paulista”.

No começo da década do século XX, São Paulo estava se modernizando rapidamente, mas ainda assim possuía uma estrutura conservadora, onde as classes dominantes buscavam preservar seu poder e prestígio. Tal tarefa era árdua já que a população paulista, naquela época, era extremamente heterogênea. No começo do século, é possível dizer, como afirma Cecília Homem¹², que havia diversas cidades dentro de São Paulo, e dentro de uma cidade tão heterogênea um forte sentimento de pertencimento começou a nascer, não somente por parte das elites, mas também advindo da população¹³.

Diante de tanta diversidade, a figura épica do bandeirante parece ter sido criada, como afirma Thaís Waldman¹⁴, para estabelecer algum consenso diante de toda a população. A criação do mito do bandeirante era uma forma de remediar a heterogeneidade da cidade, assim a partir de documentos, mapas e crônicas dos séculos anteriores o bandeirante começa a habitar o cotidiano da população paulista, quando na década de 1920 esse personagem já era extremamente popular e uma lembrança constante para todos os setores daquela sociedade. Alguns autores¹⁵ afirmam que o período entre o final do século XIX e a década de trinta do século seguinte pode ser visto como um segundo nascimento da cidade São Paulo, pois com a modernização da região era preciso também reinventar o cotidiano, sem perder os laços com o passado, nesse sentido, o bandeirante era o símbolo escolhido para a conexão entre passado e futuro.

Além disso, os bandeirantes representavam um elo temporal e identitário entre os antigos desbravadores e os grupos de poder ligados à cafeicultura e ao governo. Essa valorização de um passado grandioso era necessária, já que embora São Paulo fosse o centro econômico dopaís, ainda ficava em segundo plano politicamente. A solução então seria lembrar através da mitologia bandeirante o pioneirismo e contribuição para o país feita pelos paulistas.

11 SOUZA, R. L. A mitologia bandeirante: construções e sentidos. *Revista História Social*, Campinas: Unicamp, v. 1 n. 13, p. 151-171, 2007.

12 HOMEM, N. H. *O Palacete Paulistano*. São Paulo: Martins Fontes. 1966.

13 CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização*. São Paulo: Senac. 2002.

14 WALDMAN, T. C. A presença bandeirante na São Paulo dos anos 1920. Reunião de Antropologia do Mercosul, XI, 2015, Montevideu. Anais da XI Reunião de Antropologia do Mercosul. Montevideu: Universidad de la Republica, 2015.

15 HOMEM, 1966. | CAMPOS, 2002. | LOVE, J. *A Locomotiva*: São Paulo na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Por outro lado, a partir da década de 1960, a representação épica do bandeirante começa a ser revisitada e criticada, tais análises não apenas desconstruíam o mito, como também problematizavam o contexto em que emergiu essa interpretação. Dessa forma, um dos primeiros historiadores a realizarem esse movimento, foi Sérgio Buarque de Holanda, que apresentou uma leitura realista do herói bandeirante, ressaltando a pobreza que obrigava esse personagem a desbravar o sertão¹⁶. Ademais, cumpre destacar o papel de John Monteiro¹⁷ a reinterpretar o símbolo bandeirante, ao afirmar que o objetivo das empreitadas sertanistas sempre foi o de captura e escravização dos indígenas, o que divergia da mitologia bandeirante que destacava somente o desbravamento do território e a descoberta de ouro e pedras preciosas.

Contudo, embora a imagem dos bandeirantes tenha sido revista pela historiografia, essa mudança não se refletiu da mesma forma nos livros didáticos. Como assinala Manuel Pacheco¹⁸, em diversos momentos a literatura didática ainda aponta os bandeirantes como heróis que desbravaram territórios, descobriram ouro e fundaram cidades. Assim, observa-se, a despeito de uma perspectiva historiográfica crítica, que a mitologia bandeirante ainda persiste nos livros didáticos. Isso posto, no próximo tópico analisaremos como essas duas representações coexistem na literatura didática.

ANÁLISE DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS

Nesta seção, analisaremos seis coleções didáticas, de modo a apontar como as duas representações do bandeirante se estruturam no texto didático. As coleções estão especificadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Coleções didáticas analisadas

Coleção	Autores	Editoras	Estado
História (1997)	José Roberto Martins Ferreira	Editora FTD	São Paulo
Para compreender a história (1997)	Renato Mocellin	Editora do Brasil	São Paulo
Nova história crítica (1999)	Mario Furley Schimdt	Editora Nova Geração	São Paulo
Teláris (2013)	Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi	Editora Ática	São Paulo
Vontade de saber (2015)	Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg	Editora FTD	São Paulo
Piatã (2015)	Vanise Maria Ribeiro e Carla Maria Junho Anastasia	Editora Positivo	Curitiba

16 HOLANDA, S. B. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

17 MONTEIRO, 1994.

18 PACHECO, M. *Palmitando o Brasil Colonial: a motricidade de bandeirantes, índios e jesuítas no século XVII*. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourado, 2002.

Fonte: José Ferreira. Coleção História. São Paulo: Editora FTD: 1997, p. 5; Renato Mocellin. Para compreender a história. São Paulo: Editora do Brasil: 1997, p. 4; Mario Schimdt. Nova história crítica. São Paulo: Editora Nova Geração: 1999, p. 3; Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Teláris. São Paulo: Editora Ática: 2013, p. 2; Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg. Vontade de saber. São Paulo: Editora FTD: 2015, p. 4; Vanise Ribeiro e Carla Anastasia. Piatã. Curitiba: Editora Positivo: 2015, p. 2.

O estudo dessas coleções visa analisar a coexistência de duas narrativas distintas dentro da estrutura didática, ou seja, como esses livros organizam culturas históricas contraditórias sobre o bandeirante no formato característico dessa literatura.

Inicialmente, examinamos a coleção *História*, de 1997, na estrutura geral se sobressai a ausência de anexos¹⁹ ou caixas de texto, não apenas na temática bandeirante, mas em toda a coleção. Essencialmente, os elementos que constituem o capítulo são: o texto principal, as imagens e, por fim, o exercício. Sendo assim, sopesaremos esses elementos e a relação entre eles.

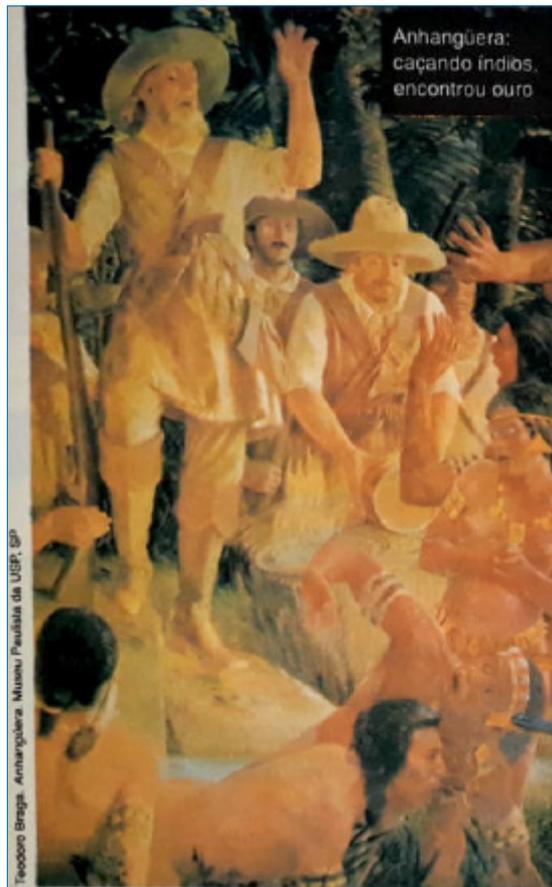
Ademais, a explanação dos autores aponta que os bandeirantes eram aventureiros que buscavam produtos que dessem lucro. Percebe-se assim que na narrativa índios e riquezas minerais fazem parte da mesma categoria: os dois são mercadorias a serem obtidas. Outra característica dos bandeirantes que se destaca na definição fornecida pelo autor se constitui na afirmação de que a maioria dos bandeirantes seriam pertencentes a São Paulo, consequência do fracasso da economia açucareira na região, que teve que encontrar outra atividade lucrativa²⁰.

O texto didático segue destacando o aprisionamento de índios realizado pelos bandeirantes, tal atividade é descrita sem aprofundamento e ocupa dois parágrafos, que na maior parte são usados para descrever uma expedição sertanista e o seu funcionamento. Percebe-se que a ação de escravização de índios não é problematizada pelo autor, que se igualava a qualquer atividade econômica, tal como a procura por ouro e pedras preciosas. É importante ressaltar que os índios não têm papel ativo na narrativa, esses são elementos secundários na trama desenvolvida pelos agentes coloniais, ora são mão de obra a ser disputada, ora massa de manobra nas desavenças entre os agentes coloniais. Duas figuras representam parte dessa premissa:

¹⁹ No texto didático, anexos são partes de páginas e até páginas inteiras que não podem ser atreladas ao texto principal e versam sobre algum aspecto delineado na narrativa principal.

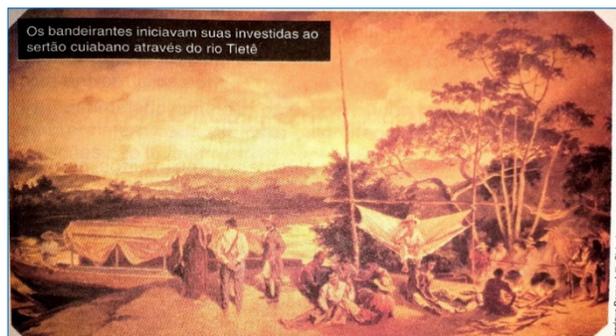
²⁰ FERREIRA, J. R. M. *Coleção história*. São Paulo: FTD, 1997.

Figura 1 - Anhangüera: caçando índios



Fonte: José Ferreira. Coleção História.
São Paulo: Editora FTD 1997, p. 174.

Figura 2 - Os bandeirantes iniciavam suas investidas no sertão cuiabano através do rio Tietê



Fonte: José Ferreira. Coleção História.
São Paulo: Editora FTD: 1997, p. 174.

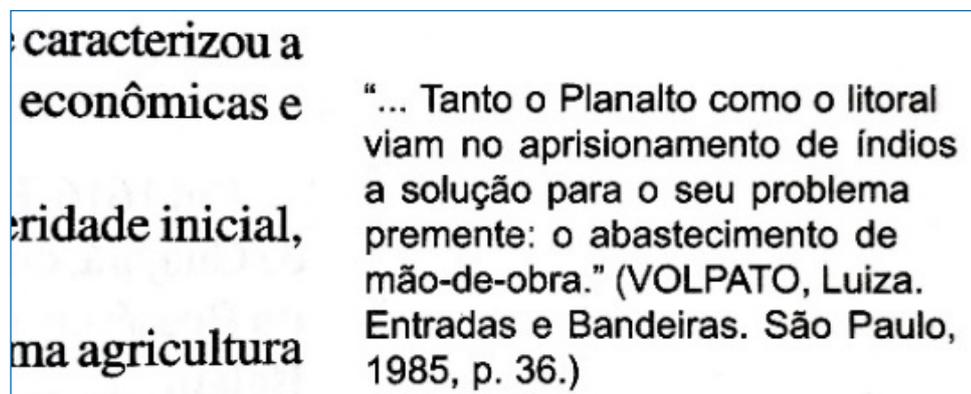
Vale ressaltar que nossa intenção ao apresentar essas figuras não se constitui em discutir sua origem ou interpretações simbólicas, o que exigiria um estudo a parte, mas sim apontar como são utilizadas na narrativa didática. Logo, como se pode ver, duas legendas são incorporadas às figuras: “Anhangüera: caçando índios” / “Os bandeirantes iniciavam suas investidas no sertão cuiabano através do rio Tietê”. Contudo, é a ausência de informações básicas para a

identificação da imagem, como autor, nome e ano da pintura o que se destaca. Percebe-se também que as imagens não são incorporadas de forma efetiva à discussão do tema, que não são referidas na narrativa e muito menos problematizadas, o que confere a elas o status de meros ornamentos ao longo da narrativa. O guia do PNLD de 2002, em relação a esse aspecto, afirma que “as ilustrações estão integradas aos assuntos tratados, não havendo, entretanto, referências explícitas a elas no texto principal”²¹. Isso posto, há a ausência da análise efetiva dos recursos visuais elencados ao longo do texto.

Por fim, há a menção da descoberta de ouro pelos bandeirantes. Os autores enumeram os diversos feitos dos bandeirantes, já que “na busca do ouro, os sertões seriam desbravados. Antes com o açúcar, a população da colônia se concentrava no litoral. Agora com o ouro, a população se deslocou para o interior”. Assim, não apenas a descoberta do ouro é atribuída aos bandeirantes, mas também a expansão territorial e ocupação do interior, pois “pela coragem e ambição de bandeirantes e mineradores, as fronteiras do Brasil foram se alargando”²². O exercício disposto sobre o assunto possui um caráter decorativo e factual, com atividades que propõem que se extraia e copie frases do texto e até que se desenhe uma expedição bandeirante. A presente abordagem, assim como no restante do conteúdo, não estimula a reflexão crítica e reforça a representação heroica do bandeirante.

A Coleção *Para compreender a história*, de 1997, apresenta algumas diferenças em relação à anterior, já que está composta por alguns excertos dispostos ao longo do texto principal, tais seções não seriam necessariamente caixas de texto semelhantes às dos livros mais atuais, seriam antes pequenos textos dispostos ao lado do texto principal:

Figura 3 - Excerto de texto

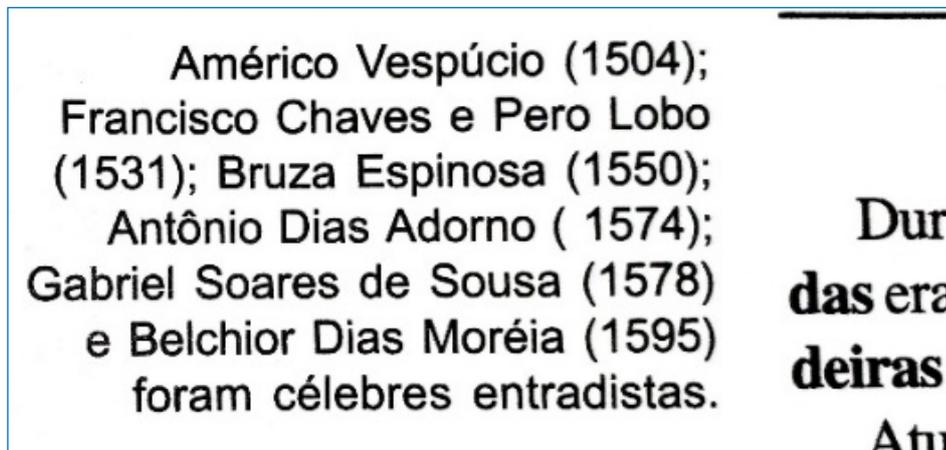


Fonte: Renato Mocellin. Para compreender a história.
São Paulo: Editora do Brasil: 1997, p. 76.

21 BRASIL. *Guia de livros didáticos*: PNLD 2002 – História. Brasília: Ministério da Educação e do desporto, 2010, p. 335.

22 FERREIRA, 1997, p. 180

Figura 4 - Excerto de texto



Fonte: Renato Mocellin. Para compreender a história.
São Paulo: Editora do Brasil: 1997, p. 73.

Tais excertos pouco se parecem com as caixas de texto de livros recentes, mas também não podem ser confundidos com uma parte integrante do texto principal. Como relata o Guia do PNLD, nesses fragmentos são utilizados dois recursos, quando não citam a historiografia, como na Figura 3, se realiza algum esclarecimento ou acréscimo de informação em relação ao texto principal, como na Figura 4. Nesse sentido, percebemos que tais seções se relacionam, em certa medida, a narrativa principal e, provavelmente, são escritas pelo mesmo autor. Percebemos também que esse título didático faz referência à historiografia, mesmo que não a problematize, como ocorre na Figura 3, onde a citação apenas é disposta ao lado do texto, sem qualquer discussão. Tal conjuntura é salientada pela avaliação do PNLD que afirma que “nos quatro volumes encontram-se textos de outros autores que trazem termos, expressões e conceitos complexos, sem que sejam explicados”²³. Dessa forma, analisaremos como se organizam e se relacionam estes aspectos da narrativa: texto principal, trechos dispostos ao longo da narrativa e exercícios.

A narrativa se inicia com o seguinte prelúdio: “A história é longa e nem sempre muito clara. Quantos heróis anônimos? Quantos sacrifícios? Quantas ilusões perdidas? [...] Nossos bandeirantes superaram em muito, em termos de aventura, as façanhas dos cowboys norte-americanos”²⁴. Nesses trechos, constatamos que os bandeirantes são retratados como heróis e aventureiros, superando até os pioneiros americanos.

Outrossim, o texto segue apontando as diferenças entre as expedições chamadas

23 Guia do PNLD, 2002, p. 354.

24 MOCELLIN, R. *Coleção para compreender a história*. São Paulo: Editora do Brasil, 1997, p. 72.

de entrada e as denominadas de bandeira, essas empreitadas “surgiram em decorrência das dificuldades econômicas da capitania de São Vicente”²⁵. Há, também, um trecho ao lado do texto (Figura 4) que enumera os “célebres” expedicionários das entradas. O bandeirantismo é definido pelas conjunturas da capitania de São Vicente, além da realização da expansão do território. É importante perceber, também, entre diversos apontamentos que poderia ter feito, o excerto da Figura 4, destaca justamente os “grandes entradistas”. Para ilustrar essa primeira parte da narrativa se utilizam duas figuras:

Figura 5 - Batalha dos Guararapes



Fonte: Renato Mocellin. Para compreender a história. São Paulo: Editora do Brasil: 1997 p. 73.

Figura 6 - Floresta do Brasil



Fonte: Renato Mocellin. Para compreender a história. São Paulo: Editora do Brasil: 1997, p. 73.

²⁵ *Ibidem*, p. 73.

As ilustrações inseridas, denotam ausência de relação ou discussão com o texto esboçado, e apresentam uma visão mitificada das expedições bandeirantes. A Figura 5 representa um sertanista muito bem vestido, armado e em posição de combate, refletindo o adjetivo de aventureiros conferido a esses personagens no início do capítulo. A Figura 6 denota a mesma ideia, a legenda “penetrar pelo sertão era tarefa perigosa” reforça a ideia da necessidade de coragem e espírito aventureiro para tais empreitadas.

Ao abordar a vocação paulista para o bandeirantismo, o autor cita Luiza Volpato (Figura 3). Apesar de incorporar essa autora, que apresenta uma perspectiva que problematiza a escravização dos indígenas e a mitificação do bandeirante, Mocellin também incorpora, na mesma narrativa, o autor Alcântara Machado, que se constitui em um dos pilares da mitologia bandeirante. É utilizando a obra de Machado, que Mocellin descreve o sertanista: “O bandeirante trajava um gibão acolchoado de algodão, chamado escupil. Era na verdade uma carapaça de couro recheada de algodão. Seu preço era elevado [...] ia armado com um escudo, adagas e armas de fogo (chamadas de arcabuz)”²⁶. Tal caracterização não reflete a realidade de penúria vivida na vila vicentina, pois, como indica Luiza Volpato²⁷, as vestimentas dos sertanistas não eram requintadas ou sofisticadas, antes eram simples e práticas. Nesse aspecto, evidenciam-se discrepâncias nas narrativas: a perspectiva *mítica* de Alcântara Machado, que é inserida no texto principal para caracterizar o bandeirante, discrepa da citação de Luiza Volpato que é disposta ao lado do texto, sem qualquer interferência no texto principal. Por fim, na conclusão do tema, temos algumas considerações do autor:

Tradicionalmente, o bandeirante tem sido apresentado como o responsável pelas dimensões continentais do Brasil. Portanto, como herói e desbravador. Na verdade, não foi nem uma coisa nem outra. Que heroísmo existe em matar e escravizar índios? Quanto à ocupação territorial, foi obra de vaqueiros, lavradores e garimpeiros e muito pouco dos bandeirantes (MOCELLIN, 1997, p. 73).

Tais palavras conclusivas não se coadunam com toda a narrativa anterior que caracteriza o bandeirante e suas expedições de acordo com a mitologia bandeirante, e mais que isso, enumera as conquistas e grandes nomes do movimento. Assim, a narrativa em si e sua conclusão não se constituem um todo coerente. Percebemos que a coleção esboça dois métodos narrativos, o primeiro concretizado pelo texto principal, que reforça a memória, e o segundo por comentários dispostos em paralelo ao conteúdo basilar, que insere *a crítica* historiográfica. Os trechos dispersos abordam e aprofundam aspectos tratados no texto principal, além de

26 MOCELLIN, 1997, p. 73.

27 VOLPATO, Luiza. *Entradas e Bandeiras*. São Paulo: Global, 1985.

apresentar citações historiográficas. Em relação aos excertos historiográficos, percebemos algumas controvérsias, quanto ao uso de autores com perspectivas distintas em relação ao mesmo aspecto. Na caracterização do bandeirante utilizou-se Alcântara Machado, como uma visão mítica do bandeirante, no texto principal e, ao lado, uma citação de Luiza Volpato, com uma perspectiva crítica da mitologia bandeirante. Havendo assim uma contradição entre as duas narrativas.

Na Coleção *Nova história crítica*, de 1999, notamos a intensa presença de ilustrações, mapas e caixas de texto, caracterizando contornos mais atuais:

Figura 7 - Caixa de texto – O Brasil barroco



Fonte: Mario Schimdt. *Nova história crítica*. São Paulo: Editora Nova Geração: 1999, p. 264.

Figura 8 - Caixa de texto – Aventura bonita, atitudes horrorosas



Fonte: Mario Schimdt. *Nova história crítica*. São Paulo: Editora Nova Geração: 1999, p. 267.

As imagens acima se estabelecem como uma narrativa paralela ao texto principal. Nessa coleção, percebemos que as perspectivas não diferem radicalmente, mas sim, aprofundam o texto principal. Na primeira figura, a narrativa se apresenta a esfera cultural e artística da vida colonial, enquanto na segunda, narra-se a expedição de Raposo Tavares, em termos nada elogiosos. Salienta-se então que essa explanação aponta o fracasso da empreitada de Raposo Tavares, enquanto, em outros exemplares didáticos, geralmente, se exalta tal empreendimento como um exemplo das proezas bandeirantes.

Por outro lado, a narrativa ao se voltar para a caracterização dos bandeirantes, ressalta que esses “escravizavam índios, destruíam quilombos e buscavam jazidas de ouro, contribuíram para a ocupação do interior. Graças às suas descobertas, o Brasil se tornou o maior produtor de ouro do século XVIII”²⁸. Nesse trecho, o autor ressalta as ações reprováveis dos sertanistas, tais como escravizar índios e destruir quilombos, por outro lado, acentuam a contribuição desses para o desbravamento dos sertões e também para a descoberta de ouro.

Ademais, a narrativa salienta o ambiente hostil promovido pelas instituições religiosas em relação às populações indígenas, com disciplina rígida e imposições que feriam a cultura desses grupos. Apesar de tal ressalva, Schimdt assegura que “os missionários se preocupavam com os índios e tentavam protegê-los de caçadores de escravos”²⁹. Esses caçadores seriam os bandeirantes que “destruíram inúmeras missões e capturaram 300 mil índios como escravos. Em resposta, os jesuítas armaram os guaranis. Na grande batalha de M’Bororé (1640), os paulistas foram surpreendidos e massacrados”³⁰. Acreditamos que a narrativa segue o caminho oposto do que normalmente encontramos na temática bandeirante, pois, via de regra, a literatura didática aponta o bandeirante como herói, no entanto, nessa coleção ele assume o papel de vilão. O herói torna-se o missionário jesuíta, que protege os índios e enfrenta a ameaça sertanista. Percebemos assim, uma intensa polarização, já que se aponta a bondade jesuíta de um lado, e a crueldade bandeirante de outro. Tal aspecto também é ressaltado no Guia do PNLD, pois argumenta que “a abordagem da história caracteriza-se pelo maniqueísmo (polarização entre ricos e pobres, classe dominante e classe dominada), apresentando também simplificações de conteúdo ou na formulação de conceitos”³¹.

É produtivo perceber que apesar da perspectiva nada positiva dos bandeirantes, esses, assim como nas outras narrativas, continuam a ser associados à Capitania de São Vicente e às descobertas de territórios e riquezas minerais. Junto a tal explanação expõe-se também a seguinte ilustração:

28 SCHMIDT, M. F. *Coleção Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999, p. 262.

29 SCHMIDT, 1997, p. 264.

30 *Ibidem*.

31 Guia do PNLD, 2002, p. 349.

Figura 9 - O bandeirante na pintura do séc. XIX



Fonte: Mario Schimdt. Nova história crítica. São Paulo: Editora Nova Geração: 1999, p. 265.

A pintura sem indicação de autoria, nome ou ano, traz a seguinte legenda “O bandeirante na pintura do século XIX parece um herói. Precisamos questionar esse tipo de Figura”³². Aqui o autor faz referência à representação apologética e a necessidade da problematização dessa, entretanto, esse encaminhamento se apresenta apenas na figura e não se estende ao texto principal, portanto, a ideia não é desenvolvida o suficiente para que os alunos e professores realizem a desconstrução apontada.

Percebemos, nessa coleção, a presença de dois recursos de exposição: o texto principal, as caixas de textos e as imagens. Embora tais narrativas não se oponham, realizam encaminhamentos paralelos do mesmo assunto. Enquanto o texto principal apresenta uma explanação que dá conta dos principais aspectos da temática, são as caixas de texto que expandem e aprofundam a ala principal. Desse modo, apresentam-se duas narrativas e perspectivas sobre o mesmo tema.

No que concerne à Coleção *Teláris*, de 2013, os autores concebem que a expansão territorial foi realizada por diversos processos e agentes, sendo o bandeirante apenas mais um personagem envolvido nesta marcha rumo ao interior do sertão. Mesmo assim, há o destaque para esse movimento, já que, com a União Ibérica, os “bandeirantes originários de São Paulo começaram a entrar nas terras que ficavam a oeste da linha de Tordesilhas, ou seja, terras antes pertencentes à Espanha”³³. Ao lado desse tópico, há um anexo denominado A-Z explicando o que foi a união ibérica, assim como, indicando como sugestão de leitura o livro “Memórias de uma bandeirante”, de Sonia Sant’Anna. Esse tipo de anexo é comum durante toda narrativa,

32 SCHMIDT, 1997, p. 268.

33 AZEVEDO, G. C.; SERIACOPI, R. *Coleção Projeto Teláris*. São Paulo: Ática, 2012. p. 200.

com explicitações relativas a um termo, ou, um aprofundamento de determinado aspecto citado no texto principal.

A coleção insere na discussão diversas fontes históricas, como mapas e imagens. Diferente de outras coleções nas quais tais recursos são restritos aos anexos, na coleção Teláris, o trabalho se estende ao texto principal. Nesse sentido, segundo o Guia do PNLD “evidencia-se ainda a atualização pedagógica quanto às orientações para o desenvolvimento das aulas com a utilização e análise de imagens”³⁴.

Ao longo do texto principal há a descrição das bandeiras. Nesse contexto, os indígenas assumem dois papéis: ou são integrantes dessas expedições e as auxiliam com o conhecimento nativo das matas, ou o alvo a ser capturado, escravizado e vendido. Dessa forma, os indígenas se tornam o elemento que se molda à conveniência portuguesa, quando não colaboram efetivamente para a concretização do projeto colonizador, se tornam mão de obra a ser capturada. O Guia do PNLD afirma que a coleção articula “formas convencionais e alternativas de visibilidade e ação positivas desses povos”³⁵, entretanto o que percebemos no decorrer da narrativa não é protagonismo ou que tais personagens históricos sejam destacados como sujeitos ativos, mas sim o naturalizado protagonismo branco. Nesse sentido, os indígenas se apresentam como coadjuvantes na trama colonial.

Assim sendo, a narrativa segue afirmando que “em suas expedições ao sul, os bandeirantes fundaram alguns povoados. Cidades como São Francisco do Sul, Nossa Senhora do Desterro e Laguna nasceram da ação de bandeirantes”³⁶. Ao lado do texto se apresenta um mapa situando as principais bandeiras, essa figura não é discutida, se constituindo mais como ilustração do que como fonte histórica. Nessa parte da narrativa, há a clara associação do movimento bandeirante com a expansão e ocupação do território. Assim, as bandeiras são destacadas não pelo apresamento e escravização de indígenas, mas sim, pela expansão do território brasileiro e descoberta das minas de ouro. Ao fim desse capítulo, há a inserção de uma caixa de texto intitulada de “Enquanto isso... Os holandeses chegam à nova Zelândia”³⁷, na qual se realiza um paralelo entre os acontecimentos coloniais e o que estava em curso na Europa, estabelecendo uma relação entre a história brasileira e a mundial. Destacamos que essa perspectiva, tão pertinente, apenas se concretiza em uma caixa de texto.

34 BRASIL. *Guia de livros didáticos*: PNLD 2014 – História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. p. 116.

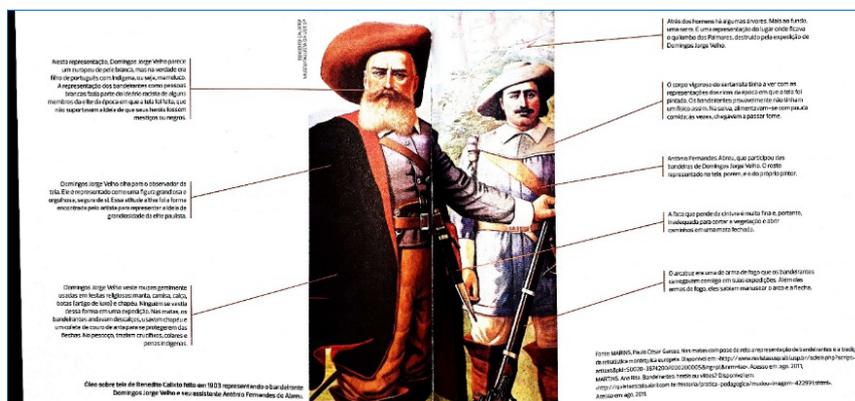
35 *Ibidem*, p. 115.

36 AZEVEDO; SERIACOPI, 2013, p. 212.

37 *Ibidem*, p. 213.

Ao término do texto, há um anexo que se estende por duas páginas, com o título “Olho vivo: Domingos Jorge Velho”³⁸, no qual se realiza a exposição de um texto e de uma pintura representando “Domingos Velho e seu assistente Antônio Fernandes de Abreu”, da autoria de Domingos Calixto. Os autores afirmam que “o bandeirante contribuiu para a expansão territorial da colônia portuguesa na América. Entretanto, essas conquistas tiveram um alto preço para os indígenas. Ao resistir à invasão dos sertanistas, milhares deles foram exterminados”³⁹. A narrativa ainda se refere à pintura reproduzida na seção, expondo que “interessava a elite de São Paulo mostrar um passado glorioso representado pela figura do bandeirante”. Abaixo do texto se apresenta a pintura feita por Calixto e uma análise desta:

Figura 10 - Domingos Jorge Velho e seu assistente Antônio Fernandes de Abreu



Fonte: Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Teláris. São Paulo: Editora Ática: 2013, p. 214-215.

Como se pode ver, a análise que toma duas páginas e realiza diversas observações sobre a pintura exposta. Algumas destacam-se, como a afirmação de que “nesta representação, Domingos Velho parece um europeu de pele branca, mas na verdade era filho de português com indígena”, acrescenta-se também que “A representação dos bandeirantes como pessoas brancas fazia parte do ideário racista de alguns membros da elite da época”. Outras observações são feitas sobre as roupas, acessórios e postura dos personagens representados. Percebemos que a coleção ganha profundidade nas caixas de texto e anexos, enquanto o texto principal se ocupa em realizar uma exposição factual e descritiva, os anexos e imagens realizam o trabalho com fontes históricas e discussões que abarcam a história geral e a mitologia bandeirante.

No que concerne à Coleção *Vontade de Saber*, de 2015, as bandeiras são diretamente

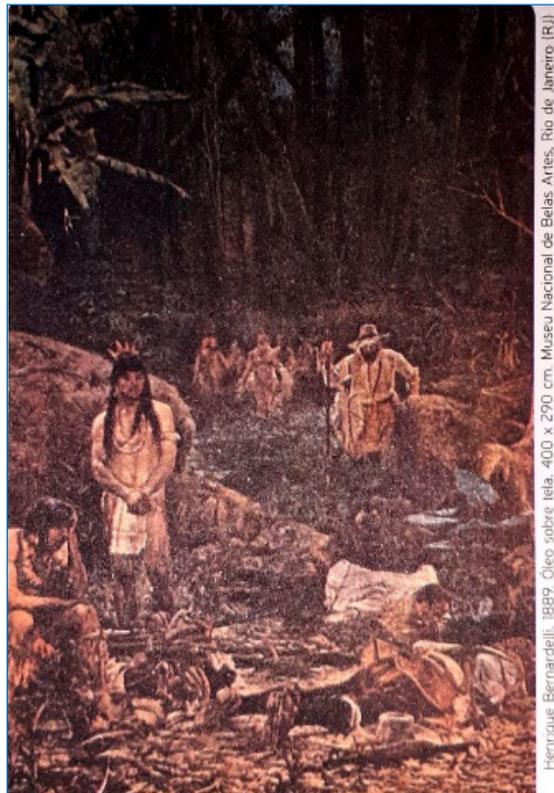
38 *Ibidem*.

39 *Ibidem*.

ligadas à vila de São Paulo, sendo uma atividade desenvolvida por paulistas, assinalando um traço de distinção do movimento. Os autores também dividem as expedições bandeirantes em “bandeiras de preação” e “bandeiras de prospecção”. Para o primeiro tipo, se narra a necessidade de mão de obra, que foi buscada nos sertões “por meio da captura de indígenas. Além disso, a venda de indígenas era um negócio lucrativo”⁴⁰. Tal exposição considera o indígena um produto a ser explorado e comercializado pelo colonizador. Entretanto, o Guia do PNLD afirma que “imagens e textos são utilizados visando positivar a imagem tanto do afro-brasileiro quanto do indígena na História do Brasil, auxiliando também, na problematização da questão étnica racial”⁴¹. Nesse sentido, há incongruência entre a avaliação do PNLD e o conteúdo presente na narrativa.

Destaca-se na narrativa a pintura com o título “Bandeirantes procurando minerais preciosos. Pintura de Henrique Bernardelli, cerca de 1889”⁴²:

Figura 11: bandeirantes procurando minerais preciosos



Fonte: Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg. *Vontade de saber*. São Paulo: Editora FTD: 2015, p. 261.

Ao lado da figura há um pequeno texto, expondo que “nas bandeiras de prospecção, os bandeirantes viajavam a pé ou com um número reduzido de animais de carga. Os caminhos eram

40 PELLEGRINI, M. C.; DIAS, A. M.; GRINBERG, K. *Coleção Vontade de Saber*. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2015. p. 260.

41 BRASIL. *Guia de livros didáticos*: PNLD 2017 – História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2016. p. 55.

42 PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2015. p. 261.

difíceis de atravessar e, para sobreviver, eles tinham de caçar, pescar, coletar frutos e encontrar água potável⁴³. Assim, há uma breve discussão sobre as condições de vida dos sertanistas durante as expedições, tal reflexão não se encontra no texto principal, sendo referida apenas na descrição de uma imagem. Em relação, ao trato das imagens, o guia do PNLD afirma que a coleção “problematiza tais imagens de modo pertinente e coerente com os pressupostos da área”⁴⁴.

Já no fim do texto, os autores ressaltam que “as expedições promovidas pelos bandeirantes tornaram conhecidas para a Coroa portuguesa vastas regiões do interior [...] ampliando consideravelmente os domínios portugueses”⁴⁵. Aqui, vemos mais uma vez as conquistas sertanistas sendo evidenciadas, já que foi através das expedições sertanistas que o território se expandiu. Destacamos que as ações como o aprisionamento e escravização indígena, não são questionadas ou problematizadas. Por fim, se apresenta uma caixa de texto intitulada “A representação dos bandeirantes”⁴⁶, em que se apresenta a pintura de Benedito Calixto, já tradicional nas narrativas didáticas:

Nas gravuras tradicionais, os bandeirantes são representados como homens brancos imponentes e bem equipados, usando longas botas e largos chapéus. Estudos recentes mostram que a realidade era diferente: além de bandeirantes brancos, havia muitos mestiços. Eles costumavam andar descalços, possuíam poucos equipamentos, preferindo usar, na maioria das vezes, facões, espadas, arcs e flechas (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2015, p. 261).

Como se pode perceber, os autores realizam uma discussão sobre a representação bandeirante consolidada na memória e uma perspectiva mais recente, que problematiza a imagem mitificada. Nesse sentido, percebemos mais uma vez que a problematização de um aspecto tão importante fica restrita a uma caixa de texto. Os avaliadores do PNLD também constataam “investimento no trabalho, com noções estruturantes da área, tais como historiografia, memória e história [...] especialmente em atividades e seções específicas”⁴⁷. A constatação não é apontada como um problema, mas sim um ponto positivo da coleção, entretanto, é importante perceber que tal narrativa possui perspectivas e espaços distintos em que memórias históricas conflitantes sobre o bandeirante são delineadas. Nesse sentido, a narrativa didática apresenta uma configuração em que o texto principal concretiza uma narrativa factual e descritiva, enquanto as caixas de texto e imagens operam a problematização e investimento no trato de fontes e crítica histórica⁴⁸.

43 PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2015, p. 261.

44 Guia do PLND, 2017, p. 54.

45 PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2015, p. 261.

46 *Ibidem*.

47 Guia do PLND, 2017, p. 53.

48 ROCHA, H. A narrativa histórica nos livros didáticos, entre a unidade e a dispersão. *Territórios e Fronteiras* (online), v. 6, p. 53-66, 2013. CAIMI, F. E. O livro didático de história e suas imperfeições: repercussões do PNLD após 20 anos. In: ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (orgs.). *Livros didáticos de história: entre políticas e Narrativas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora: 2017, p. 33-54.

Esse aspecto se confirma nas atividades, no único exercício que corresponde ao tema das Entradas e Bandeiras⁴⁹, no qual se apresenta um longo trecho do *Dicionário do Brasil Colonial*, de Ronaldo Vainfas, em que se expõe a interpretação de vários autores em relação aos bandeirantes, estes são: Saint-Hilaire, Taunay, Alfredo Elis Jr., Oliveira Viana, Capistrano de Abreu, Viana Moog e Alcântara Machado. Nesse sentido, as questões propostas requisitam a interpretação da obra e a percepção dos diferentes pontos de vista historiográficos. Aqui, confirmamos o que já foi visto em outros pontos dessa narrativa e de outras, ou seja, que cabe às caixas de texto, anexos e atividades a problematização e aprofundamento da temática bandeirante, além da exposição de fontes históricas e obras historiográficas.

Em relação a última fonte, a Coleção *Piatã*, também de 2015, a qual registra que a situação precária da vila de São Paulo no século XVI, dependia quase que exclusivamente da agricultura de subsistência. Com o crescimento dessa atividade, tornou-se necessária mão de obra, “isto estimulou os exploradores paulistas a organizar expedições particulares pelo sertão para aprisionar indígenas”. Essas “expedições particulares foram chamadas de bandeiras. Seus integrantes atacavam e destruíam aldeias inteiras para o apresamento dos indígenas. Os alvos preferidos eram as missões jesuítas”⁵⁰. Aqui, mais uma vez, vemos as expedições bandeirantes associadas à vila de São Paulo, sendo as condições econômicas dessas regiões as propiciadoras do movimento. Percebemos também que a narrativa segue uma lógica cronológica, aspecto também notado pelo Guia do PNLD, que afirma que “os conteúdos estão organizados a partir de uma perspectiva cronológica linear”⁵¹.

Ao lado desse texto, temos um anexo que esclarece aos alunos os conceitos de sertão e missão. Em relação a esse aspecto, a avaliação do PNLD afiança que “apresentam-se recursos que auxiliam os estudantes a ampliarem seus vocabulários e a compreenderem os textos didáticos e historiográficos”⁵². Assim, com tais elucidações, podemos entender esses anexos como ferramentas de aprofundamento no que diz respeito à narrativa e conceitos históricos. Também se apresenta, abaixo do texto, um mapa das “Bandeiras e entradas (séculos XVII e XVIII)”⁵³, esse novamente foi retirado do Atlas histórico escolar, publicado em 1997:

49 PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2015, p. 284.

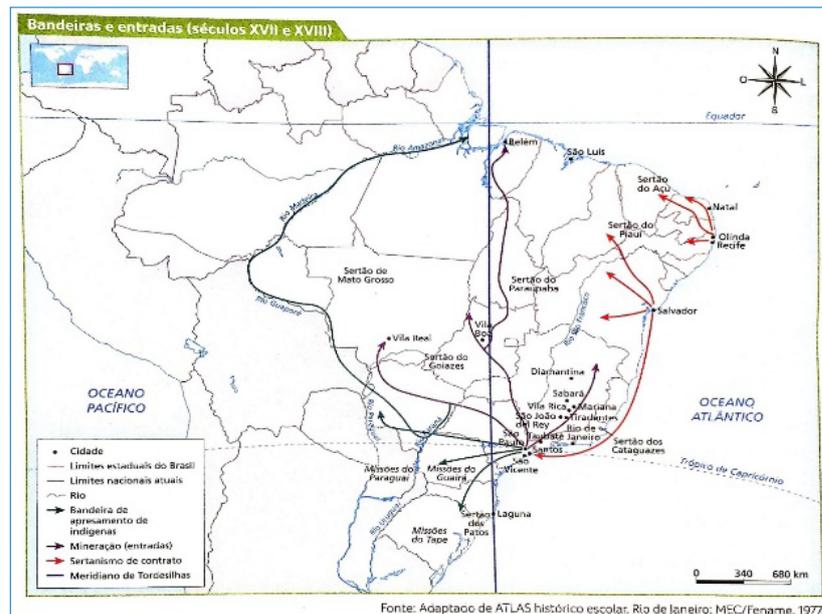
50 RIBEIRO, V. M.; ANASTASIA, C. M. J. *Coleção Piatã*. Curitiba: Positivo, 2015. p. 25.

51 Guia do PLND, 2017, p. 99.

52 *Ibidem*, p. 102.

53 RIBEIRO; ANASTASIA, 2015, p. 26.

Figura 12 - Bandeiras e entradas (séculos XVII e XVIII)



Fonte: Vanise Ribeiro e Carla Anastasia. Piatã. Curitiba: Editora Positivo: 2015, p. 26.

Na seção “Desenvolvendo habilidades”, apresentam-se algumas indagações sobre a fonte apresentada: “observe com atenção o mapa da página ao lado e depois responda às questões no caderno”⁵⁴. Tais questões são referentes à interpretação das rotas registradas no mapa exposto, assim como a expansão do território causada pelas incursões sertanistas. Nesse sentido, o Guia do PNL, explicita que:

A obra é rica em propostas de atividades, destacando-se a quantidade de uso de imagens. Apresenta atividades e exercícios de comparações, de análises e sínteses, organizados de forma clara, exercitando pedagogicamente a elaboração do saber científico mediado por fontes (Guia do PNL, 2017, p. 103).

Assim, percebemos que a ilustração, juntamente com o exercício encaminhado, promove uma reflexão sobre uma fonte histórica. Logo em seguida, é apresentada outra caixa de texto nomeada de “Zoom: sertanismo de contrato”⁵⁵, expondo que “o sertanismo de contrato eram expedições bandeiristas financiadas por autoridades coloniais, fazendeiros ou senhores de escravos, para encontrar quilombos e capturar escravizados foragidos”. Aqui, percebemos um aprofundamento sobre as expedições bandeirantes, delineando um tipo específico de incursão sertanista. Desse modo, as caixas de texto, imagens e anexos propõem-se a esquadrihar o que foi apresentado pelo texto principal.

Como pudemos perceber nessa narrativa, o texto principal apresenta uma perspectiva cronológica e descritiva, a qual abarca os principais eventos e datas referentes à temática

⁵⁴ *Ibidem*, p. 27.

⁵⁵ RIBEIRO; ANASTASIA, 2015, p. 27.

bandeirante. São os anexos, caixas de texto e atividades responsáveis pelo aprofundamento do tema, além da possibilidade de análise de fontes históricas.

CONCLUSÃO

No exame de seis coleções didáticas (três publicadas em 1997 e 1999, e três publicadas em 2013 e 2015) inferimos a ocorrência de algumas mudanças em relação aos diversos espaços presentes naqueles títulos. Na primeira coleção não existia qualquer anexo, a não ser as imagens, essas sem legendas ou descrição. A narrativa era constituída basicamente pelo texto principal e as atividades, sendo que as imagens constavam antes como ilustração, do que como fontes históricas. A segunda coleção já apresenta alguns trechos de texto alheios ao texto principal, os quais ainda não se constituíam como caixas de texto, e têm a função de esclarecer algum ponto da narrativa principal ou expor trechos de obras historiográficas.

A terceira coleção já apresenta mudanças significativas: a narrativa apresenta caixas de texto, muitas ilustrações e recursos visuais. As caixas de texto já apresentam o formato semelhante às dos livros mais recentes, e aprofundam ou expandem a narrativa encaminhada pelo texto principal. Na quarta coleção percebe-se que a narrativa é constituída, além do texto principal, por uma grande variedade de caixas de texto, imagens e atividades. Ressaltamos aqui a forma como os autores utilizam as imagens, com a análise crítica de pinturas e mapas ao longo da narrativa, entretanto a maior parte dessa discussão é restrita a anexos e caixas de texto. O texto principal se constitui como uma descrição de acontecimentos e feitos bandeirantes.

A quinta coleção apresenta, juntamente com a narrativa principal, caixa de texto e imagens, além das atividades. O texto principal realiza uma narrativa descritiva que enumera as principais características do movimento, enquanto as imagens e caixas de texto problematizam pontos, como o cotidiano sertanista e a representação heroicizada desse. A atividade proposta remete às interpretações de diversos historiadores sobre o movimento. Assim, a problematização e aprofundamento do tema se apresentam nos anexos da narrativa. A última coleção apresenta além do texto principal, mapa, caixas de texto e atividades. O texto principal se limita a narrar factualmente o movimento bandeirante, destacando acontecimentos e datas, de forma linear e cronológica. Nas caixas de textos, mapa e atividade, há um aprofundamento do tema com o trato do sertanismo de contrato e análise das rotas bandeirantes.

Os textos didáticos, com exceção dos dois primeiros títulos, que não tinham a conformação atual, apresentam perspectivas diferentes em relação à mesma temática. Enquanto

o texto principal se limita a uma narrativa genérica e descritiva do tema, são as caixas de texto e anexos que se propõem a abordar a criticidade e a historiografia na narrativa. Inferimos assim, a presença de duas narrativas distintas: uma, presente no texto principal, que se adequa à memória, e outra, existente em seções alheias ao texto principal, e se refere à criticidade e historiografia. Essas narrativas, para além de serem distintas, são ainda contraditórias, pois, enquanto o texto principal reforça elementos da memória, os anexos realizam a desconstrução dessa mesma memória.

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. A. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições*. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.
- ABUD, K. A. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2007, p. 107-117.
- AZEVEDO, G. C.; SERIACOPI, R. *Coleção Projeto Teláris*. São Paulo: Ática, 2012.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2002 – História*. Brasília: Ministério da Educação e do esporte, 2010.
- BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2014 – História*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.
- BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2017 – História*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2016.
- CAIMI, F. E. A História na Base Nacional Comum Curricular: pluralismo de ideias ou guerra de narrativas? *Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação*, v. 3, n. 4, 2016.
- CAIMI, F. E. O livro didático de história e suas imperfeições: repercussões do PNLD após 20 anos. In: ROCHA, H.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. (orgs.). *Livros Didáticos De História – Entre Políticas e Narrativas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora: 2017, p. 33-54.
- CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização*. São Paulo: Senac, 2002.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.
- FERREIRA, A. C. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERREIRA, J. R. M. *Coleção história*. São Paulo: FTD, 1997.

FERRETTI, D. J. Z. *A construção da paulistanidade*. Identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). Tese de Doutorado em história social, Departamento de história, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

HÖFLING, E. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 70, p. 159-170, 2000.

HOLANDA, S. B. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

HOMEM, N. H. *O Palacete Paulistano*. São Paulo: Martins Fontes. 1966.

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LOVE, J. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MIRANDA, S. R.; DE LUCA, T. R. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 126.

MOCELLIN, R. *Coleção para compreender a história*. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PACHECO, M. *Palmilhando o Brasil Colonial: a motricidade de bandeirantes, índios e jesuítas no século XVII*. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourado, 2002.

PELLEGRINI, M. C.; DIAS, A. M.; GRINBERG, K. *Coleção Vontade de Saber*. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2015.

RIBEIRO, V. M.; ANASTASIA, C. M. J. *Coleção Piatã*. Curitiba: Positivo, 2015.

ROCHA, H. A narrativa histórica nos livros didáticos, entre a unidade e a dispersão. *Territórios e Fronteiras* (online), v. 6, p. 53-66, 2013.

SCHMIDT, M. F. *Coleção Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil. *Educação & Realidade*, v. 37, n. 3, p. 803-821, 2012.

SOUZA, R. L. A mitologia bandeirante: construções e sentidos. *Revista História Social*, Campinas: Unicamp, v. 1 n. 13, p. 151-171, 2007.

WALDMAN, T. C. A presença bandeirante na São Paulo dos anos 1920. Reunião de Antropologia do Mercosul, XI, 2015, Montevideu. Anais da XI Reunião de Antropologia do Mercosul. Montevideu: Universidad de la Republica, 2015.

WALDMAN, T. C. *Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

Recebido: 23/06/2022 – Entregue em: 10/10 /2022